

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/305556040>

A Educação na Era Digital

Conference Paper · July 2016

READS

3

1 author:



[Antonio Dias de Figueiredo](#)

University of Coimbra

137 PUBLICATIONS 410 CITATIONS

SEE PROFILE

A Educação na Era Digital

António Dias de Figueiredo

Há uma lei da ecologia e das sociedades que diz que “para sobreviver, é necessário aprender à velocidade a que o ambiente muda”.

Claro que, para aplicarmos esta lei, temos de saber o que está a mudar ¿Sabemos nós, com clareza, o que está a mudar na Era Digital?

¿Ou estaremos a agir, entusiasticamente, mas cegamente, sem esclarecer o que está a mudar?

Estamos, sem dúvida, a tentar melhorar a educação! ¿Mas estaremos a fazê-lo centrados nos fins? ¿Ou nos meios?

¿Será que estamos a agir como o automobilista que conduz a alta velocidade numa estrada sinuosa sem olhar para a estrada e com os olhos postos no espelho retrovisor?

O discurso educativo dos nossos dias tende a encarar o digital numa perspetiva meramente instrumental – “Vamos lá ver o que fazer com estas tecnologias!...” – e não na complexidade cultural desta nova era.

Ora, como sabemos, as abordagens instrumentais são, do ponto de vista antropológico, primitivas e rudimentares.

Os nossos antepassados trogloditas levaram milénios entre a descoberta das primeiras ferramentas, e de como utilizá-las (em “boas práticas”), e a sua plena interiorização cultural. E, enquanto não fizeram essa interiorização, o mundo manteve-se primitivo...

Sinto que em matéria de tecnologias na educação continuamos, largamente, neste estado – ao nível, instrumental, sempre desatualizado, do “como fazer”.

Mas vejamos o que está mudar neste mundo.

¿Como é o emprego na Era Digital?

Nos anos setenta, sonhava-se com o ideal do “pleno emprego”. Cinquenta anos depois, a globalização destruiu as fronteiras entre países e continentes e tornou precária a maioria dos empregos.

Para os próximos anos, anuncia-se a automatização maciça dos postos de trabalho e a substituição de muitos humanos por robots, algoritmos e aplicações informáticas.

Ora é neste mundo que os estudantes das nossas escolas terão de integrar-se, diferenciar-se e afirmar-se, se quiserem encontrar a sua plena realização ¿O que estamos a fazer para os preparar?

A verdade é que os sistemas de ensino, ainda vinculados ao mandato de produzirem industrialmente funcionários para uma economia de pleno emprego, estão a ser incapazes de desenvolver os cidadãos

autónomos, afirmativos, criativos, inovadores e solidários que esta Era Digital exige.

¿Que competências para a Era Digital?

Num dos seus estudos mais recentes, o *World Economic Forum* debruça-se sobre as competências dos profissionais do século XXI. Dentro destas, destaca a capacidade para resolver problemas complexos, criatividade, aptidão para comunicar e colaborar, curiosidade, iniciativa, persistência, resistência à frustração, adaptabilidade, liderança e sensibilidade às dimensões social e cultural. ¿Ora a escola de hoje está nas antípodas da criação destas competências?

As competências digitais – superiores – não são competências tecnológicas: são competências culturais.

¿Que culturas na Era Digital?

Embora os jovens dos nossos dias tenham nascido na Era Digital e dominem com destreza as suas tecnologias, não estão preparados para os desafios que ela coloca.

De facto, a sua agilidade instrumental na utilização dos novos meios é maioritariamente dirigida para o consumo (de músicas, jogos e outros conteúdos) e está longe de corresponder a agilidades conceptuais e culturais superiores.

Está longe, também, de os proteger dos perigos de uma exposição pública alargada, de os resguardar de

manipulações e ameaças e de os sensibilizar para a falta de credibilidade da maior parte das informações com que se cruzam.

Por isso, o desafio que se coloca a este nível é o de assegurar que os jovens evoluem, do seu estatuto de meros consumidores, para o estatuto de utilizadores esclarecidos – e deste para o estatuto de criadores e participantes ativos. ¿Será que estamos a fazer isto?

O desafio do digital não é, assim, meramente, como se afirma, o de integrar o “digital” na relação ensino-aprendizagem. Nem é o de desenvolver nos jovens competências instrumentais para o “uso” das tecnologias da informação e da comunicação.

O desafio – o grande desafio – é o de os preparar para uma pertença cultural plena, madura, ativa e autónoma à nova era ¿Estaremos a fazer isto?

¿Que pedagogias para a Era Digital?

Uma das vias que se abre para a superação destas dificuldades – e as tecnologias oferecem, aí, preciosa colaboração – é transformar as pedagogias, de um modelo que sobrevaloriza a explicação e a passividade para um modelo que valoriza a iniciativa e à autonomia.

Como sugeria Paulo Freire, o maior desafio da educação nos nossos dias não é o de “explicar” conhecimentos inertes e descontextualizados, mas o de criar cidadãos curiosos, autónomos, capazes de assumi-

rem, individual e coletivamente, a condução da sua aprendizagem e a construção do seu próprio destino.

A transição de uma pedagogia da explicação para uma pedagogia da autonomia aponta, por outro lado, para a adoção de abordagens pedagógicas ainda pouco praticadas nas nossas escolas, como a aprendizagem baseada em projetos, a aprendizagem mista, as aulas invertidas, a coavaliação.

¿Estamos a assumir explicitamente este desafio? ¿Ou estaremos a perseguir slogans que criam alternativas falsas e atrasam autênticas soluções do futuro?

Que professores na Era Digital?

A preparação para a vida ativa e cultural da nova era e a transformação das pedagogias colocam dificuldades imensas a uma escola que não foi concebida para tal.

Os desafios que esta mudança coloca à formação de professores situam-se muito para além da preparação para o uso instrumental das tecnologias. Também aí teremos de valorizar a iniciativa, a autonomia e a enculturação ativa, muito mais do que a explicação.

O bom professor da Era Digital assumirá, seguramente, para além das muitas e valiosas funções que tem vindo a desempenhar ao longo dos tempos, a nobre função de se transformar num agente chave de transformação cultural.

¿Estamos a prepará-lo para essa função? Ou estaremos a perseguir slogans que criam alternativas falsas e atrasam autênticas soluções do futuro?

Uma escola com futuro

Daqui resumo as minhas sugestões para a escola da Era Digital:

- O mundo mudou, e muda cada vez mais. Estudemos com seriedade as suas implicações e ajustemos em permanência a educação.
- Clarifiquemos as crescentes necessidades culturais dos dias de hoje e procuremos, na escola, superá-las.
- Adaptemos as pedagogias e a nobre missão dos professores a estes desafios da nova era.
- Evitemos confundir os meios com os fins, perseguindo slogans e alternativas falsas que nos desviem do que é essencial para o que é acessório.

O desafio que confrontamos é ponderoso – e mais sério do possamos pensar. Não se trata de passar tranquilamente de um regime estável, o do pré-digital, para outro regime estável, o do digital, e dar o problema como resolvido.

O que está em causa é uma mudança profunda e crescente do mundo em que vivemos. Essa mudança encontra-se, para já, nos seus primórdios (já devastadores para muitos sectores da sociedade), mas tenderá a desmultiplicar-se, no próximo futuro, em modali-

dades e consequências que ninguém sabe como vão evoluir. A moda de hoje estará fora de moda amanhã!

O digital é, em larga medida, responsável por essa mudança, mas as respostas ao desafio não estão em aprender ou ensinar o digital.

Estão em desenvolver as competências da futura geração para esse mundo de transformação, preparando-os culturalmente para que possam construir a sua autonomia e contribuir para que o mundo seja melhor.

A Educação na Era Digital:
Análise de Boas Práticas
Fundação Calouste Gulbenkian
21 de Julho de 2016